

FRONTÕES CURVOS

UM TIPO DE FRONTÃO EM IGREJAS DO LITORAL BRASILEIRO

Claudio Quoos Conte

Resumo

Este artigo analisa um tipo de frontão de igreja que aparece quase que exclusivamente no litoral da Capitânia de São Paulo no período colonial, da cidade de Parati até Paranaguá. Estes frontões são constituídos por uma única e sinuosa curva como a representação simbólica de uma onda ou de água. É intrigante o fato de que este tipo de frontão não apareça em regiões geograficamente muito próximas como o vale do Paraíba, a cidade de São Paulo assim como nem ao norte ou ao sul dessas localidades litorâneas e em nenhum outro lugar da colônia, com raras exceções.

Inicialmente fazemos um breve histórico da matriz arquitetônica das fachadas de igrejas nos dois primeiros séculos da colonização do Brasil. Posteriormente passamos a uma descrição detalhada das fachadas de cada uma das igrejas que apresentam ou apresentavam, visto terem sido demolidas ou reformadas, este tipo de frontão ondulado. Começamos pela Igreja de Santa Rita em Parati – RJ, três igrejas na cidade de Santos-SP, a matriz de Itanhaém –SP, três igrejas na cidade de Paranaguá-PR e as únicas exceções fora do litoral colonial paulista, uma em Porto Alegre-RS e outra no distrito de Catas Altas-MG, e uma terceira em São Luis-MA. Na descrição dessas fachadas vamos tentando estabelecer critérios comparativos.

Por fim tentamos estabelecer alguns pressupostos básicos que possam nortear o aparecimento deste fenômeno em um espaço tão circunscrito e definido da colônia, o litoral da Capitânia de São Paulo, sejam de ordem estilística, cronológica ou política.

A elaboração do trabalho tem como fontes informações bibliográficas, análises iconográficas e observação in loco dos monumentos pesquisados.

Palavras-chave: Arquitetura Religiosa Colonial; Frontões; Patrimônio Cultural.

Um pequeno número de igrejas com uma característica bem peculiar aparece no período colonial em um trecho da costa brasileira entre o atual litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, na cidade de Parati, até Paranaguá no Estado do Paraná. Bem circunstanciadas, essas igrejas de frontões ondulados constituídos por uma única e sinuosa curva, como a representação simbólica de uma onda ou de água, não subiram a Serra do Mar, não aparecendo no Vale do Paraíba ou na cidade de São Paulo, regiões muito próximas serra acima, nem ao norte de Parati ou ao sul de Paranaguá, com raras exceções, uma em Porto Alegre - RS e outra no distrito de Catas Altas, município de Santa Bárbara-MG., ainda uma terceira, a antiga Igreja do Convento das Mercês de São Luis do Maranhão.

A matriz cultural das fachadas das igrejas nos primeiros dois séculos de colonização do Brasil, que em muitos casos se prolongou até o século XIX, é aquela constituída por um quadrado ou leve retângulo tendo suas laterais definidas por fortes cunhais em cantaria de pedra lavrada ou argamassa, com uma ou três portas de entrada no térreo, com uma, duas ou três janelas na altura do coro, dispostas simetricamente, coroada por um frontão triangular delimitado por cimalthas, às vezes com um óculo no frontão ou na altura do coro. Temos como exemplos clássicos dessa tipologia, as não mais existentes, Igreja dos Jesuítas do Morro do Castelo na cidade do Rio de Janeiro, de 1585, demolida com o arrasamento do morro em 1922¹ e a antiga Igreja de Nossa Senhora da Ajuda de Salvador, construída em 1579 e demolida em 1912 para alargamento da via². Ainda existentes, a Igreja dos Santos Cosme e Damião em Igarassu –PE, da década de 1530, considerada por muitos a mais antiga do Brasil³ e a Igreja da Graça de Olinda-PE do final do século XVI⁴, incendiada pelos holandeses em 1631 e restaurada após sua expulsão. Tratadas algumas vezes como estilo jesuítico, outras maneirista e muito bem definidas por Souza como: “estilo chão – aquele classicismo geométrico e simplificado que os portugueses criaram na segunda metade do século XVI”⁵. As fachadas aqui tratadas são uma variação desse estilo.

¹ NONATO, José Antônio e SANTOS, Núbia Melhem. Era uma vez o Morro do Castelo. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

² REBOUÇAS, Diógenes. Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX. Salvador: ODEBRECHT, 1996. Pg. 104.

³ O Patrimônio Construído. As 100 mais belas edificações do Brasil. Bueno, Alexei et alli. São Paulo: CAPIVARA, 2002. Pg. 18.

⁴ TELLES, Augusto Carlos da Silva. Atlas dos Monumentos Históricos e Artísticos do Brasil. Rio de Janeiro: FENAME/SEAC, 1980. Pg. 20.

⁵ SOUZA, Alberto. Igreja Franciscana do Cairu: a invenção do barroco brasileiro. Site Vitruvius, 2006.



Igreja dos Jesuítas, no Morro do Castelo
(Rio de Janeiro, RJ)



Igreja da Ajuda (Salvador, BA)



Igreja dos Ss. Cosme e Damião (Igaracu, PE)



Igreja da Graça (Olinda, PE)

A Igreja de Santa Rita em Paraty-RJ foi construída por homens pardos libertos sob a invocação do Menino Deus, Santa Rita e Santa Quitéria em 1722⁶. Com a fachada voltada para o mar tendo como fundo o perfil da Serra do Mar, apresenta na fachada uma única porta com três janelas no coro, todas com verga e sobreverga curvas, delimitadas por cunhais, tudo em cantaria. O frontão ondulado, levemente alteado do corpo principal da fachada por uma pequena base, possui óculo central e é encimado por uma cruz com dois coruchéus no arranque. Torre sineira à direita, também delimitada por pilastras, que se justapõem no encontro com a fachada, com janela na mesma altura do coro e de mesma feição, acima forte cimalha que percorre toda a fachada. A sineira propriamente dita apresenta terminação superior em arco pleno. A torre termina em cúpula semi-esférica, levemente cônica, com coruchéus nos ângulos, mas de menores dimensões que aqueles do frontão.



Igreja de Santa Rita (Paraty, RJ)

A cidade de Santos-SP apresentava três igrejas com frontões ondulados: de Jesus, Maria e José, da Ordem 1^a do Carmo e de São Benedito.

A Igreja de Jesus, Maria e José demolida em 1902, por estar arruinada ou para obras de ampliação do porto ⁷, previa duas torres que nunca foram construídas. Robustas pilastras e cunhais dividiam a fachada em três tramos separando o espaço destinado às torres da fachada. No térreo três portas de vergas e sobrevergas curvas, a principal encimada por um escudo fazendo com que a cimalha que dividia o térreo do coro fosse interrompida em função desse

⁶ ETZEL, Eduardo. O Barroco no Brasil. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1974. Pg. 149.

⁷ O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico William John Burchell, 1825/1829. (organização de) Gilberto Ferrez. Rio de Janeiro: Fundação João Moreira Salles; Fundação Nacional Pró-Memória, 1981. PP 82 e 83.

escudo. No segundo pavimento duas janelas rasgadas sobre as portas laterais no local das torres e duas janelas menores sobre a porta de entrada principal, todas com vergas e sobrevergas curvas. Entre as janelas, sobre a porta principal, um nicho emoldurado em cantaria. Uma larga cimalha separava o frontão, que assim como o da Igreja de Santa Rita em Parati, era levemente alteado com óculo central, dois coruchéus nos arranques e encimado por uma cruz. O espaço destinado às torres era coberto por pequenos telhados muito mal ajambrados, posto que provisórios. No todo essa fachada era de uma composição erudita muito bem proporcionada, com todos seus elementos de composição em cantaria.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário originou-se de uma capela erguida em 1651, teria sido reconstruída em 1822⁸. Apresenta na fachada porta central no térreo com três janelas rasgadas no coro, todas com vergas e sobrevergas curvas. O frontão ondulado iniciava logo após a larga cimalha, com óculo central e encimado por uma cruz. Após reforma na década de 1940, o frontão ondulado foi substituído por um trilobulado. A esquerda apresenta robusta torre sineira, dividida em três ordens, tendo no térreo e na altura do coro porta e janela rasgada respectivamente nas mesmas feições que as da fachada. Atualmente apresenta a abertura da sineira em arco pleno, fotos mais antigas mostram-na apenas com os ângulos superiores arredondados. A torre termina por uma balaustrada sendo coberta por uma cúpula oitavada. A atarracada torre sineira, lembrando as das primeiras igrejas jesuíticas brasileiras, e o próprio frontão ondulado, nos leva a hipótese de que em 1822 a igreja tenha sido apenas reformada ou ampliada, já que essas características denotam maior antiguidade.

A Igreja da Ordem 1ª de Nossa Senhora do Carmo divide com a igreja da Ordem 3ª uma robusta torre sineira. Modelo este dos conjuntos carmelitas de Angra dos Reis-RJ e Mogi das Cruzes-SP, ainda existentes, e de São Paulo-SP, do qual permanece apenas a Igreja da Ordem 3ª. Enquanto os frontões dos conjuntos carmelitas de Angra dos Reis e de Mogi das Cruzes são os tradicionais triangulares, em São Paulo, a Igreja da Ordem 1ª, até a sua demolição em 1928, manteve o frontão triangular enquanto o da Ordem 3ª é trilobulado⁹. Em Santos, apenas a igreja da Ordem 1ª tem o seu frontão ondulado atualmente. Em vista da cidade na segunda metade do século XVIII, ambas apresentavam o mesmo tipo de frontão¹⁰. A Ordem 3ª apresenta agora um frontão interrompido por pequenas volutas e levemente escalonado. No restante as fachadas são gêmeas, com uma porta de entrada central no térreo e três janelas

⁸ GERODETTI, João Emílio. Lembranças de São Paulo: o litoral paulista nos cartões postais e álbuns de lembranças. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2001. PP 34 e 35.

⁹ MONTEIRO, Raul Leme. Carmo Patrimônio da História, Arte e Fé. São Paulo: 1978.

¹⁰ REIS, Nestor Goulart. Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: FAPESP, 2000. P. 195.

rasgadas no coro todas com vergas e sobrevergas curvas, divididas tanto no térreo quanto no coro por largas cimalthas que percorrem todas as fachadas quanto à torre. A construção da Ordem 1ª é de 1599 e a da Ordem 3ª de 1752¹¹. O frontão mais elaborado da Ordem 3ª pode ser fruto de alguma reforma modernizante de gosto rococó, sendo que as ordens terceiras eram constituídas, no período colonial, pelas elites com maior poder econômico e muitas vezes em disputas com as ordens primeiras, entre outras questões, quanto à decoração de seus templos.



Igreja de Jesus, Maria e José (Santos, SP)

¹¹GERODETTI. Op. Cit., PP 42 e 43.



Igreja do Rosário (Santos, SP)



Igreja da Ordem 1ª do Carmo (Santos, SP)

Itanhaém, elevada à condição de vila em 1561, tem datada a construção de sua matriz, sob a invocação de Sant'Ana, em 1639¹². Esta igreja tem na sua fachada uma única porta de entrada principal com verga e sobreverga curva em cantaria. Duas janelas rasgadas no coro, com leve abaulamento na verga superior. Uma larga cimalha corre por toda a fachada, desde a torre, dividindo-a do frontão. O frontão ondulado muito alto, como se verá posteriormente unicamente na matriz de Paranaguá. Este frontão, levemente afastado da cimalha, tem nos seus arranques dois coruchéus e é encimado por uma cruz em sua parte superior. Do lado do evangelho, ou à direita, ergue-se alta torre sineira, dividida em três ordens. A primeira até a altura da cimalha única, possui uma janela rasgada alinhada àquelas do coro. Uma segunda janela na ordem intermediária de verga abaulada e a terceira janela da torre, a sineira propriamente dita, com terminação em arco pleno. A torre possui quatro coruchéus nos seus ângulos, tendo uma base octogonal que suporta uma cúpula de meia laranja encimada por uma cruz.



Matriz de Sant'Ana (Itanhaém, SP)

Paranaguá, no Estado do Paraná, mas até 1854 vila da Província de São Paulo, possui três igrejas com frontões ondulados.

A matriz, sob invocação de Nossa Senhora do Rosário, é bastante similar à matriz de Itanhaém, com a diferença de possuir três janelas na altura do coro e a alta torre localizada à esquerda do templo, com a terminação em agulha de inspiração neogótica. Muito antiga, teria sido construída em 1578 e reparada em 1661, 1723, 1734, 1741, entre 1805 e 1806 e entre

¹²Nossa História. Prefeitura Municipal de Itanhaém. s/d.

1839 e 1841¹³, e ainda posteriormente visto que a atual terminação da torre é do período eclético, final do século XIX e início do XX.

As duas outras igrejas são de irmandades. A Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas, construída entre 1770 e 1784¹⁴, possui única porta de entrada na fachada com modenatura em pedra assim como as duas janelas do coro, todas curvas com sobrevergas. Dois cunhais, também em cantaria, delimitam a fachada dividida do frontão por uma dupla cimalha, sendo a inferior bastante estreita. O frontão ondulado possui no seu centro óculo quadrilobulado e no arranque dois coruchéus. A torre sineira, à direita da igreja, é baixa, tendo sua altura equivalente à máxima do frontão com acabamento em beira-seveira e coberta por telhas. A Igreja de São Benedito, de 1784¹⁵, construída no local de antiga capela dedicada a Nossa Senhora das Mercês, é muito similar a Igreja da Ordem Terceira, com a diferença que os cunhais da fachada têm somente o soco em cantaria, sendo o restante em argamassa, e a torre sineira mais alta que aquela está localizada à esquerda da fachada tendo sua terminação arrematada por quatro coruchéus nos ângulos e coroamento piramidal abaulado encimado por um galo.



Igreja do Rosário (Paranaguá, PR)

¹³MARCHETTE, Tatiana Dantas. Monumentos de Arquitetura Religiosa de Paranaguá. Curitiba: Iphan 10ª SR, 1999. PP 31 E 32.

¹⁴MARCHETTE, idem. PP 33 e 34.

¹⁵MARCHETTE, idem ibidem. PP 35 à 37.



Igreja de São Benedito (Paranaguá, PR)



Igreja de São Francisco (Paranaguá, PR)

Em Paranaguá terminam as igrejas de frontões ondulados no litoral. Sendo que nas vilas coloniais mais ao sul, a matriz de São Francisco do Sul, em Santa Catarina, embora muito similar às matrizes de Itanhaém e Paranaguá, em fotos do final do século XIX e início do XX, apresenta um frontão rococó constituído de curvas e contra-curvas e a sua fachada, no geral, foi profundamente alterada em reformas do século XX¹⁶. Na ilha de Santa Catarina e arredores existem uma série de igrejas de mesma tipologia, de aspecto afortalezado, projetadas por engenheiros militares que não são objeto deste artigo.

As únicas igrejas localizadas com frontão curvo fora desta área litorânea, construções iniciadas ainda no período colonial, a Matriz de Nossa Senhora da Conceição do distrito de Catas Altas do município de Santa Bárbara-MG, é do século XVIII e famosa por sua talha e a antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Porto Alegre-RS, iniciada em 1817¹⁷.

Coincidentemente as duas fachadas são bastante similares, ambas apresentam três portas no térreo, sendo que em Catas Altas formam uma galilé, e três janelas rasgadas no coro. Únicas também a apresentarem duas torres, com terminações piramidais encimadas por uma

¹⁶Agradecimento a arquiteta Simone Kimura, Diretora da Sub-Regional do Iphan em São Francisco do Sul durante muitos anos, que nos repassou cópias de fotos antigas da matriz daquela cidade.

¹⁷Coletânea de Legislação sobre Patrimônio Histórico – Município de Porto Alegre. Porto Alegre: Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho, 1978.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Porto Alegre é um dos raros casos de destombamento federal no país. Foi destombada por Getúlio Vargas na primeira metade da década de 1940, a pedido do clero Porto-alegrense que a demoliu para construção de outra igreja no local.

espécie de pináculo ou coruchéu. Estas duas igrejas, distanciadas entre si no tempo e no espaço, constituem exceções à regra.

A terceira exceção, a Igreja do Convento das Mercês de São Luis do Maranhão, não mais existente, embora também situada no litoral, na época de sua construção, séc. XVII, pertencia ao Estado do Maranhão e Grão Pará com administração independente do Estado do Brasil com o qual veio a fundir-se na época Pombalina. A Ordem das Mercês era também tipicamente espanhola.



Igreja do Rosário (Porto Alegre, RS)



Igreja de Nossa Senhora da Conceição
(Catas Altas, MG)



Igreja das Mercês (São Luiz, MA)

Apesar da matriz arquitetônica baseada no classicismo chão citado no início do artigo, estas igrejas aqui estudadas, quanto às fachadas, podem todas ser situadas dentro do movimento barroco, não só pelos frontões curvos como também pelas aberturas com vergas e sobrevergas curvas, sinuosidades típicas do barroco.

O fato de aparecerem em um trecho curto do litoral, aquele da Capitânia de São Paulo, da qual fez parte a Vila de Paranaguá até 1854 com a criação da Província do Paraná, e Parati sob sua influência direta¹⁸, podemos restringir este fenômeno ao litoral colonial paulista.

As datas das construções, reconstruções, reformas e ampliações dessas igrejas vão do final do século XVI até o primeiro quartel do século XIX, fazendo com que este tipo de frontão apareça num arco de aproximadamente 250 anos.

Como as fontes para este artigo são constituídas de documentação secundária e análises iconográficas, tentaremos estabelecer alguma provável origem para este tipo de frontão e sua localização bastante restrita, baseados nestes dados e em evidências políticas e cronológicas.

Com o fim de apaziguar as disputas entre os herdeiros de Martim Afonso de Souza e de seu irmão Pero de Souza pelas antigas capitânias hereditárias do sul, foi criada, como domínio da coroa a Capitânia de Conceição de Itanhaém em 1624, tendo como sede a cidade de Itanhaém¹⁹. A edificação da matriz de Itanhaém, sendo de 1639, poderia ter servido como

¹⁸ETZEL, Eduardo. Op. Cit. Em sua obra inclui Parati no capítulo O Barroco no Estado de São Paulo.

¹⁹Consulta ao site www.itanhaem.gov.br, link história, sub link A Capitânia da Conceição de Itanhaém em 06.11.2007.

exemplo para as outras igrejas da capitânia da qual era sede, no período inicial do movimento barroco.

A antiguidade deste tipo de frontão é ressaltada por Antônio Vieira dos Santos, quando em 1850 descreve obras na matriz de Paranaguá: “O frontispício no seu exterior, feito ao gosto antigo é despido de ornatos de arquitetura, contém somente a porta principal, alta e de boa largura, e três janelas rasgadas no coro para darem claridade, o arremate do frontispício, e uma elevação arredondada e a cruz em cima;...”²⁰. As outras igrejas de Paranaguá seguiram o padrão estabelecido pela matriz.

Ainda como sinal de antiguidade podemos citar a Igreja da Ordem 1ª do Carmo de Santos de 1599. Mesmo que o frontão possa ser um pouco mais tardio, do século XVII, ainda é bastante arcaico. O fato de sua igreja gêmea da Ordem 3ª possuir frontão escalonado demonstra alguma modernização posterior executada pelas sempre muito poderosas e ricas ordens terceiras ou então simplesmente desejo de diferenciação. Da mesma forma acreditamos que a Igreja do Rosário de Santos deve sua fachada a implantação inicial de 1651, não só pelo tipo de frontão mas também pelo já citado atarracado da torre sineira.

O litoral de São Paulo, após o sucesso inicial da Capitânia de São Vicente com a produção dos primeiros engenhos de açúcar, passou os séculos XVII, XVIII e até meados do século XIX com uma economia bastante retraída, em comparação com outras regiões da colônia, talvez daí persistindo essas formas arcaicas e iniciais do barroco como a ondulação dos frontões de suas igrejas.

Implausível, mas mais belo e poético, teria sido se esses frontões ondulados tivessem sido inspirados nas ondas do mar, presente em todas essas localidades.

²⁰ MARCHETTE, op. Cit. Apud SANTOS, Antônio Vieira dos. Memória Histórica, Cronológica, Topográfica e Descritiva de Paranaguá e seu município. Curitiba: Museu Paranaense, 1952. Vol. 02 p.43.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ETZEL, Eduardo. *O Barroco no Brasil*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1974.
- GERODETTI, João Emílio. *Lembranças de São Paulo: O Litoral Paulista nos Cartões Postais e Álbuns de Lembranças*. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2001.
- MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Monumentos de Arquitetura Religiosa de Paranaguá*. Curitiba: Iphan 10ª SR, 1999.
- MONTEIRO, Raul Leme. *Carmo Patrimônio da História, Arte e Fé*. São Paulo: 1978.
- MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE. *Coletânea de Legislação sobre Patrimônio Histórico*. Porto Alegre: Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho, 1978.
- NONATO, José Antônio e SANTOS, Núbia Melhem. *Era uma vez o Morro do Castelo*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.
- O BRASIL do Primeiro Reinado visto pelo botânico William John Burchell, 1825/1829. (organização de) Gilberto Ferrez. Rio de Janeiro: Fundação João Moreira Salles; Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.
- O Patrimônio Construído. *As 100 mais belas edificações do Brasil*. Bueno, Alexei et alli. São Paulo: CAPIVARA, 2002.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE ITANHAÉM. *Nossa História..* s/d.
- REBOUÇAS, Diógenes. *Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX*. Salvador: ODEBRECHT, 1996.
- REIS, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: FAPESP, 2000.
- SOUZA, Alberto. *Igreja Franciscana do Cairu: a invenção do barroco brasileiro*. Site Vitruvius, 2006.
- TELLES, Augusto Carlos da Silva. *Atlas dos Monumentos Históricos e Artísticos do Brasil*. Rio de Janeiro: FENAME/SEAC, 1980.